

DOIS DE JULHO

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
06/03/05		
Caderno		
Local 5		
Seção		
Assunto		
Bairro		

Antônio Moreira morou
em todas as ruas do lugar:
"Ainda não me acostumei"



FOTOS: XANDO P.



Dionísio Batista
vende folhas como
galhos de arruda e babosa

José Alberto diz
que o movimento de
clientes caiu em 80%



Novo Dois de Julho já mostra falhas

Comunidade aprova novo visual e se queixa de engarrafamentos, queda no comércio e da transformação de vias em calçadão

MARY WEINSTEIN

Areal de Cima, Democrata, Carlos Gomes, Cabeça e Praça Inocência Galvão. Em 59 anos, Antônio Moreira Silva, dono de um dos restaurantes mais tradicionais da Bahia, o Porto do Moreira, aberto em 1938, morou em todas essas ruas que ficam no Largo Dois de Julho ou em suas imediações. Como um conhecedor da área, elogia o novo visual que o Largo ganhou depois da requalificação promovida pela prefeitura. Mas não deixa de observar: "Se der vacilo, a pessoa é atropelada na hora de

atravessar. Eu mesmo ainda não me acostumei".

Moreira fala sobre o perigo na Praça Inocência Galvão, ou Largo Dois de Julho, onde antes vigorava mão única, e agora é mão dupla, sem uma sinaleira para manter a segurança e tranquilizar os pedestres. O engarrafamento também é apontado como um transtorno por moradores e comerciantes em geral. "Tem o edifício garagem (com 224 vagas distribuídas por 14 pavimentos), o Hotel Capri, bares...", diz ele.

A "confusão" e o "perigo" são atribuídos à transformação que o trânsito sofreu junto com a reforma que começou a ser posta em prática no final do ano passado. A Rua do Cabeça e a da Força, que antes serviam de acesso para

carros que vinham pela Carlos Gomes, foram transformadas em calçada. Substituindo a função destas, uma nova rua, ainda sem nome, foi pavimentada sobre o espaço deixado por um prédio demolido, em frente ao Edifício Cidade de Nazaré.

Outra alternativa para se chegar ao Largo Dois de Julho é subir a Ladeira da Preguiça, a da Montanha ou a Avenida do Contorno (na qual uma placa de sinalização indica aos motoristas o lado oposto ao que realmente deveriam seguir para alcançar o Largo). "Mas com todas essas vias não tem como circular pelo Dois de Julho", diz João Alfredo Pernambuco, 56 anos.

O diagnóstico dos problemas existentes hoje no Largo é feito

por integrantes da própria comunidade que em sua maioria gostou da reforma, mas que não hesita em eleger defeitos. "Eles (a prefeitura) esqueceram dos comerciantes", disse Anselmo Rebouças Carvalho, há seis anos dono de uma loja de ferragens. Anselmo explica que ficou sem lugar para descarregar mercadorias. "Essa reforma não demonstrou ainda a que veio", disse.

RESULTADO – "Ficou muito bonita, só fez prejudicar a gente, mas ficou boa", disse Dionísio Batista, 57 anos, que desde 1960 vende galhos de arruda, mastruz, folhas para chás e banhos, babosa, cumbucas de barro, dentre outras mercadorias, em uma bar-

raca remanescente da antiga feira. Entre o atendimento de um freguês e outro, ele, que também mora ali, aproveitou para desabafar com bom humor.

O vizinho, José Alberto Fonseca, 45 anos, vendedor de bolinhas de jenipapo, tico-tico, beiju e de requieirão trazido de Tanquinho de Feira, informa que, depois da reforma, o movimento do seu comércio foi reduzido em 80%. "Os caminhões estacionam sem deixar ninguém mais passar", avisa ele.

Outro, que vende caju, carambola, jaca, abacate, feijão-verde e fruta-pão, José Raimundo de Jesus, também se queixa, debaixo da barraca que Erivalda Nascimento, moradora da próxima Rua da Faisca, estava fa-

zendo suas compras. Erivalda estava sabendo sobre a morte da mãe do vendedor, Dona Maria, naquela hora.

O estilo de vida dos que moram no Largo Dois de Julho, onde muita gente mantém a política da boa vizinhança e ainda passa horas na janela, foi alterado com a reforma. As críticas de que os novos pergolados ainda sem flores encheram a praça de ferro e a de que a "cachoeira" cujo corrêgo serpenteia pelo chão já está cheio de lixo são de Nilza Silva, 42 anos, moradora da Rua Augusto França. Mas, em compensação, ela destaca a melhoria para as crianças que passaram a frequentar o *play ground* com suas bicicletas.

Espaço e comunidade integrados

Túlio Prado, 27 anos, é um dos integrantes da equipe de arquitetos que ganhou o concurso lançado em 2001 pela prefeitura para escolher o projeto de requalificação. Ele diz que em qualquer intervenção existe um período de adaptação e se alegra em ver "o produto final ser utilizado pela comunidade". Diz ainda que um "estudo cultural" foi feito para poder gerar uma proposta que contemplasse a todos. E exemplifica citando as duas modalidades de bancos instalados - os de madeira e os de concreto e granito.

"O objetivo principal era integrar o espaço e a comunidade, e isso foi alcançado. Houve troca de materiais na execução, mas isso é natural", justifica. Sobre os engarrafamentos e o perigo em atravessar a rua, ele explica que houve um "estudo de demanda" feito pela Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente (Seplam) e concorda com o agente da Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET), Antonio Carlos, em relação à posição em que os veículos estão sendo estacionados.

De acordo com o agente, a posição correta para estacionamento é a linha paralela em relação ao meio fio e não a perpendicular, como vem sendo praticado. "O fundo do carro acaba avan-

çando para a pista e isso atrapalha o fluxo", disse. O arquiteto diz que há espaço reservado para carga e descarga, mas que, infelizmente, aumentou a distância dos caminhões em 10 ou 15 metros em relação a alguns estabelecimentos comerciais. "Mas tem carro-de-mão para ajudar", indicou ele. Túlio afirma que, para que a praça fique bem, é preciso haver manutenção e que pés de *bougivilles* foram plantados para enfeitar os pergolados, mas que estes ainda não nasceram. "Claro que 90% da população está satisfeita com o Largo", concluiu.

A engenheira fiscal da obra do Largo Dois de Julho, Rita Sales, hoje assessora técnica da Superintendência de Urbanização da Capital (Surcap), diz que o projeto era para tornar a área mais residencial porque estava sendo ocupada como estacionamento de veículos e tinha um número grande de comerciantes. "Houve um grande resgate do espaço público", disse ela, informando que a obra já foi concluída e a prefeitura agora só tem que fazer a manutenção da fonte, das áreas verdes e do pergolado. "A Superintendência de Parques e Jardins (SPJ) programou a colocação de caqueiros com trepadeiras que subirão pela estrutura do pergolado para dar um sombreado", disse.



Comerciantes e moradores vêm falta de ordenamento do tráfego como um dos principais problemas no largo restaurado

CARLOS CASAES